

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

PERSPETIVAS ECONÓMICAS REGIONAIS NOTAS

ÁFRICA SUBSARIANA

Levados ao extremo: Fragilidade e conflito
na África Subsariana

ABR
2025



FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

PERSPETIVAS ECONÓMICAS REGIONAIS NOTAS

ÁFRICA SUBSARIANA

Levados ao extremo: Fragilidade e conflito
na África Subsariana

**ABR
2025**



©2025 International Monetary Fund

Levados ao extremo: Fragilidade e conflito na África Subsariana

Elaborada por Wenjie Chen, Michele Fornino, Vidhi Maheshwari, Hamza Mighri, Annalaura Sacco, and Can Sever.*

Cataloging-in-Publication Data

IMF Library

Edição portuguesa

Departamento de Serviços Institucionais e Instalações do FMI

Divisão de serviços linguísticos, secção portuguesa

Names: Chen, Wenjie, 1982-, author. | Fornino, Michele, author. | Maheshwari, Vidhi, author. | Mighri, Hamza, author. | Sacco, Annalaura, author. | Sever, Can, author. | International Monetary Fund, publisher.

Title: Pushed to the Brink: fragility and conflict in Sub-Saharan Africa / Wenjie Chen, Michele Fornino, Vidhi Maheshwari, Hamza Mighri, Annalaura Sacco, and Can Sever.

Other titles: Fragility and conflict in Sub-Saharan Africa. | IMF Notes.

Description: Washington, DC : International Monetary Fund, 2025. | Apr. 2025. | Includes bibliographical references.

Identifiers: ISBN: 9798229008990 (Portuguese paper)

Subjects: LCSH: Political Stability--Africa, Sub-Saharan. | Africa, Sub-Saharan--Economic conditions.

Classification: JQ1875.C4 2025

AVISO: As notas do FMI visam divulgar rapidamente aos países membros e à comunidade em geral a análise sucinta da instituição sobre questões económicas críticas. As opiniões expressas nas notas do FMI são as dos autores e não representam necessariamente as opiniões do FMI, do seu Conselho de Administração ou da sua Direção.

CITAÇÃO RECOMENDADA: Wenjie Chen, Michele Fornino, Vidhi Maheshwari, Hamza Mighri, Annalaura Sacco e Can Sever.* 2025. "Levados ao extremo: Fragilidade e conflito na África Subsariana ." Nota 2025/002 do FMI, Fundo Monetário Internacional, Washington, DC.

Os pedidos de publicação podem ser feitos online, por fax ou por correio:

International Monetary Fund, Publications Services

P.O. Box 92780,

Washington, DC 20090, USA

Tel.: (202) 623-7430

Fax: (202) 623-7201

E-mail: publications@imf.org

bookstore.IMF.org

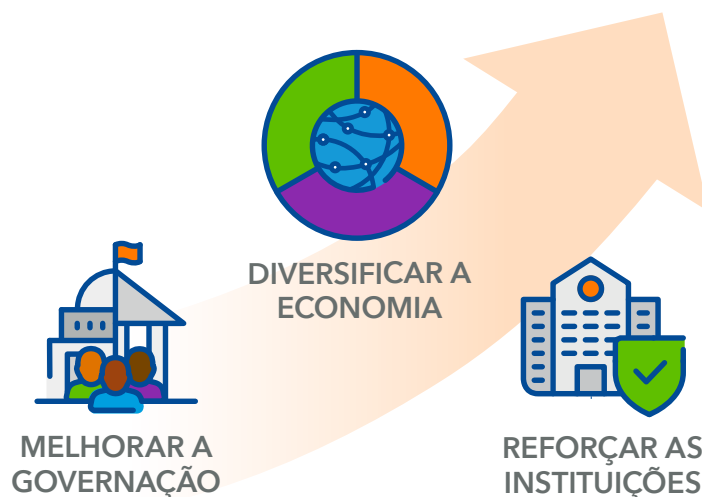
elibrary.IMF.org

* Esta nota foi elaborada pelos membros do Departamento de África do FMI, sob a supervisão de Catherine Pattillo.

Levados ao extremo: Fragilidade e conflito na África Subariana

Cerca de metade dos Estados frágeis e afetados por conflitos (EFC) do mundo situa-se na África Subariana, onde instituições fracas, baixa coesão social, falhas da governação e instabilidade económica mantêm milhões de pessoas na pobreza. Alguns países conseguiram sair de situações de fragilidade extrema através da aplicação de políticas macroeconómicas robustas, da diversificação da economia e do reforço das instituições. No entanto, fazer com que estas reformas perdurem é um desafio num contexto marcado por crescimento errático, instabilidade política, exposição a catástrofes naturais e elevada dependência de recursos naturais – o que tende a agravar a vulnerabilidade face à volatilidade dos preços e a desafios da governação. Entretanto, a fraca mobilização de receita interna e a redução do apoio entravam ainda mais o desenvolvimento. Na ausência de reformas e de apoio internacional continuado, a fragilidade poderá exacerbar a instabilidade regional e as perturbações económicas, gerando repercussões a nível mundial.

**A adoção de políticas inovadoras
pode impulsionar o crescimento** dos
países da África Subariana que estão a
sair de situações de fragilidade.



A África Subsariana carrega um pesado fardo de fragilidade e conflito...

Nos Estados frágeis e afetados por conflitos (EFC) vivem 1,3 mil milhões de pessoas que se deparam com desafios profundos: **crescimento estagnado, instituições fracas, serviços públicos inadequados, pobreza extrema, guerra e deslocações forçadas**. Em 2024, 18 dos 39 Estados frágeis e afetados por conflitos reconhecidos pelo FMI encontram-se na África Subsariana, o que representa mais de 670 milhões de pessoas.¹ Quase um em seis residentes de Estados frágeis e afetados por conflitos na região vive em situação de insegurança alimentar grave.²

Os Estados frágeis e afetados por conflitos na África Subsariana são particularmente vulneráveis a catástrofes naturais e choques climáticos, cujos impactos são exacerbados pela baixa resiliência e fraca capacidade de adaptação. Por conseguinte, as catástrofes naturais são mais frequentes e mais mortíferas: o número de vítimas mortais nos EFC é 64% mais elevado do que noutros países da região.³ Há projeções que sugerem que, até 2040, o Estado frágil e afetado por conflitos mediano pode ter 74 dias por ano com temperaturas superiores a 35 °C – uma exposição quatro vezes superior à dos outros países da região, o que coloca sérias ameaças à produção agrícola e à segurança alimentar e aumenta os riscos de doenças relacionadas com o calor.⁴ As catástrofes naturais põem sob pressão recursos já limitados, perturbam os meios de subsistência e agravam a insegurança alimentar, deixando as populações dos EFC em maior risco de fome. As secas e inundações não só provocam danos às colheitas, mas alimentam tensões sociais e desencorajam o investimento, agravando as pressões sobre governos que já se debatem com instituições fracas e capacidades limitadas, e reforçando, desta forma, os ciclos de fragilidade.

Mais de 60% dos Estados frágeis e afetados por conflitos da região dependem de recursos naturais – **no país frágil mediano, quase 30% das receitas provêm da extração de recursos naturais**. Em vez de servir de motor de crescimento e de impulsionar o desenvolvimento, esta riqueza transformou-se, em muitos casos, numa “maldição dos recursos naturais”, aprofundando as vulnerabilidades institucionais e a instabilidade.

A fragilidade política agrava ainda mais estes desafios, sendo mais de metade dos EFC da região afetados por conflitos, tendo sofrido golpes de Estado recentemente ou conflitos com países vizinhos. **Entre 2000 e 2023, a região representou mais de 60% das 69 tentativas de golpe de Estado ocorridas em todo o mundo – e 40% dessas ocorreram em Estados frágeis e afetados por conflitos**. Conflitos de longa duração levaram ao deslocamento de milhões de pessoas dentro e fora do próprio país. Consequentemente, os EFC da região são, simultaneamente, lugares de origem de grandes números de refugiados e importantes lugares de acolhimento – o Chade e a Etiópia estão entre os 10 países do mundo que acolhem mais refugiados. Mais de metade dos quase 6 milhões de refugiados da região vem do Sudão do Sul e da República Democrática do Congo.

Os EFC enfrentam limitações orçamentais graves, com acesso limitado a financiamento e uma fraca mobilização de receita interna – o rácio mediano receitas fiscais/PIB, de 10%, situa-se cinco pontos percentuais abaixo dos outros países da região. O apoio externo, embora crucial, tem sofrido um declínio estrutural há duas décadas (*Perspetivas Económicas Regionais para a África Subsariana*, edição de abril de 2024). **Em 2023, os Estados frágeis e afetados por conflitos da região receberam quase 60% do total da ajuda pública ao desenvolvimento concedida à África Subsariana, representando 20% do montante global, mas as necessidades de desenvolvimento permanecem significativamente mais elevadas**. Os cortes anunciados recentemente ao financiamento da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) colocam a África Subsariana em

¹ A definição de Estados frágeis e afetados por conflitos utilizada pelo FMI corresponde à usada pelo Banco Mundial e está explicada aqui: [Fragile and Conflict-Affected States](#). Os atuais Estados frágeis e afetados por conflitos na África Subsariana são: Burkina Faso, Burundi, Camarões, Chade, Comores, Eritreia, Etiópia, Guiné-Bissau, Mali, Moçambique, Níger, Nigéria, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, República do Congo, São Tomé e Príncipe, Sudão do Sul e Zimbabué.

² Food Security Information Network e Global Network Against Food Crises. O cálculo inclui apenas as pessoas que se encontram na fase 3 ou superior de insegurança alimentar, ou seja, aquelas que necessitam uma intervenção urgente.

³ Bases de dados sobre catástrofes (EM-DAT).

⁴ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), [Climate Horizons High RCP 8.5 Emission Scenario Projections \(2020-2039\)](#).

risco acrescido, já que esta região foi beneficiária de cerca de 40% dos desembolsos totais da USAID em 2024. A Etiópia e a República Democrática do Congo receberam, cada uma, 1,2 mil milhões de dólares dos EUA em 2024, representando 1% e 1,5% do seu PIB, respetivamente, ao passo que os desembolsos para o Sudão do Sul, de 750 milhões de dólares, representaram até 15% do seu PIB em 2024. Outros países doadores tradicionais também anunciaram cortes ao orçamento de apoio, incluindo o Reino Unido, os Países Baixos e a Bélgica, entre outros. No futuro, estas potenciais perturbações terão provavelmente efeitos profundos nos Estados frágeis e afetados por conflitos (*Perspetivas Económicas Regionais para a África Subsaariana*, edição de abril de 2025, Caixa 1).

Com recursos orçamentais limitados, profundas necessidades de desenvolvimento e financiamento insuficiente, os EFC da região ocupam sistematicamente os últimos lugares nos indicadores de desenvolvimento mundiais. A esperança de vida em muitos Estados frágeis e afetados por conflitos permanece nos 60 anos, as taxas de pobreza são o dobro das dos outros países da região e a taxa de conclusão do ensino básico continua a estar entre as mais baixas do mundo. Até 2030, dois terços da população mundial em pobreza extrema viverão em Estados frágeis, sendo a África Subsaariana o epicentro.

Por conseguinte, estes Estados são mais vulneráveis a choques, que, por vezes, têm repercussões muito amplas. Em média, o crescimento anual nos países em conflito é de cerca de 3 pontos percentuais mais baixo, com o impacto cumulativo no PIB per capita a agravar-se ao longo do tempo. A fragilidade persistente pode também aumentar os riscos de segurança transfronteiras e a instabilidade regional, bem como as perturbações económicas ao comércio, à migração, a deslocações e aos fluxos de investimento. Por exemplo, na África Subsaariana, a ocorrência de 100 mortes em Estados vizinhos num raio de 500 quilómetros está associada a uma redução do crescimento de dois pontos percentuais (*Perspetivas Económicas Regionais para a África Subsaariana*, edição de abril de 2019, Capítulo 2).

Notavelmente, apesar destes sérios desafios e limitações, vários países, incluindo Estados frágeis e afetados por conflitos (Camarões, Chade, Etiópia, Níger, Quênia, Ruanda, Togo e Uganda, entre outros) acolheram refugiados e, ao fazê-lo, lideraram algumas das políticas de refugiados mais inovadoras do mundo (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e Banco Mundial, 2021). O Uganda concede liberdade de movimento, autorizações de trabalho e pleno acesso aos serviços públicos; o Quênia está a transformar campos de refugiados em municípios, para estimular o comércio local; e o Chade e a Etiópia integraram os refugiados nos sistemas financeiros e nos planos de desenvolvimento nacional. Embora estas abordagens requeiram investimentos iniciais e capacidade administrativa, as estratégias de inclusão de refugiados bem delineadas podem promover o emprego e o rendimento, tanto para os refugiados como para o país de acolhimento, conforme se demonstra com a experiência da Etiópia e do Quênia. Por exemplo, na Etiópia, o custo anual por refugiado pode, potencialmente, baixar de 378 dólares, se depender exclusivamente de apoio, para 210 dólares, se forem concedidas oportunidades de trabalho limitadas, e para 78 dólares, com plena participação nas atividades económicas (Banco Mundial 2024b).

Estes exemplos demonstram que os Estados frágeis e afetados por conflitos podem oferecer lições importantes sobre a forma como a inclusão pode ser utilizada para promover o desenvolvimento. No entanto, a sua capacidade para aumentar a escala destas políticas promissoras continua a ser limitada por pressões orçamentais, instituições fracas e redução do apoio concedido. De forma mais geral, o apoio a estes Estados não é apenas um imperativo moral, mas também uma necessidade económica e geopolítica. A existência de EFC mais estáveis e prósperos beneficia não só as regiões desses Estados, mas o mundo em geral.

... e muitos EFC têm dificuldade em manter o crescimento.

O crescimento económico em muitos Estados frágeis e afetados por conflitos segue um padrão de contração e expansão, em contraste notório com o progresso mais constante registado nos outros países. Na África Subsaariana, os períodos de expansão económica sustentada – quer se trate de ocorrências de crescimento

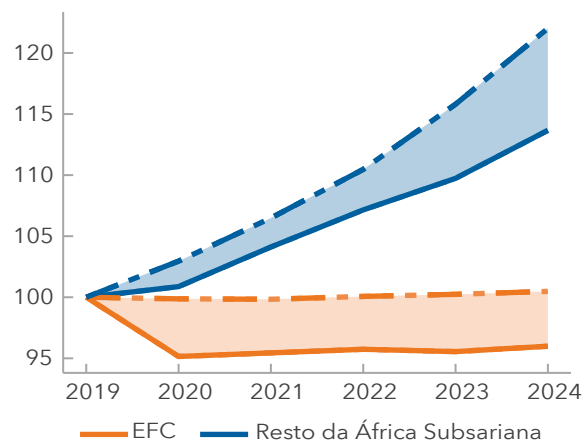
graduais ou de acelerações mais repentinas – são mais curtos e menos frequentes nos Estados frágeis e afetados por conflitos. Embora as taxas de crescimento máximo médias sejam semelhantes nos dois grupos, os Estados frágeis e afetados por conflitos registam contrações mais acentuadas, eliminando mais rapidamente os ganhos obtidos. Em média, os outros países têm períodos de crescimento que duram um ano mais e que ocorrem com o dobro da frequência dos EFC.⁵ Desde 2000, os países da África Subsariana registaram 12 acelerações do crescimento com períodos de expansão económica acentuada e sustentada. Destes, apenas dois episódios (Angola, 2002-2009, e Chade, 2000-2007) ocorreram em países classificados como EFC pelo FMI na altura.⁶ Qual é o resultado disto? Embora ambos os grupos sejam capazes de atingir picos de crescimento semelhantes, os países que não pertencem aos EFC passam mais tempo em fase ascendente e atingem essa fase com maior frequência. Já os EFC crescem com interrupções e têm dificuldade em manter os períodos de crescimento mais rápido necessários para fugir à pobreza.

A contração registada em 2020 devido à COVID-19 salienta este padrão de estagnação do crescimento (Figura 1). Enquanto as outras economias continuaram a crescer, embora a um ritmo mais lento do que o inicialmente previsto, os Estados frágeis não conseguiram recuperar o crescimento perdido, mantendo-se os seus níveis de rendimento real *per capita*, em média, abaixo dos de 2019. As projeções mais recentes indicam que o PIB potencial *per capita* no EFC mediano deverá crescer apenas 1,8% por ano, em comparação com 2,5% no resto da região, o que chama a atenção para os desafios de longo prazo que os EFC enfrentam para conseguir um crescimento sustentado.

Durante os choques negativos, como os que afetam os termos de troca, os EFC na África Subsariana enfrentam pressões sobre a receita e um acesso limitado a financiamento acessível, obrigando-os a reduzir as despesas de forma mais acentuada do que os outros países da região (Bisca *et. al.*, a publicar brevemente). Além disso, a fraca governação, a limitada diversificação das exportações, a ausência de uma regra orçamental e o desenvolvimento financeiro insuficiente prejudicam ainda mais a capacidade de estabilização (Boussard *et. al.* 2024). Esta situação resulta numa orientação da política orçamental que impõe contrações relativamente mais prolongadas e pró-cíclica, com reduções mais acentuadas do consumo público e do investimento público, o que resulta em quedas mais acentuadas do PIB *per capita* ao longo do período de cinco anos posterior ao choque (Figura 2). Por outro lado, os outros países da região tendem a ajustar-se mais gradualmente, na medida em que o maior nível de despesa orçamental permite amortecer o choque. As reações pró-cíclicas aos choques negativos são comuns entre os países exportadores de petróleo na região (FMI 2022). Embora apenas cinco dos 18 Estados frágeis e afetados por conflitos sejam exportadores de petróleo, tal reação poderá ser mais prevaiente entre os países ricos em recursos naturais, uma vez que os EFC tendem a depender fortemente dos recursos naturais – e os conflitos e a fragilidade agravam ainda mais a situação. De modo mais geral, estas conclusões são consoantes com os indícios de que os conflitos podem baixar o PIB *per capita* (Novta e Pugacheva 2021) e que os

Figura 1. COVID-19 e divergências no crescimento

(rendimento *per capita*; média ponderada do PIB em PPC; índice 2019 = 100)



Fontes: FMI, base de dados do *World Economic Outlook*; e cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: EFC = Estados frágeis e afetados por conflitos; linha a tracejado = previsão; linha sólida = efetivo; PPC = Paridade de poder de compra.

⁵ Um período de crescimento é definido como um período em que a média móvel de cinco anos do crescimento do PIB real *per capita* é superior a 2% durante, pelo menos, seis anos consecutivos.

⁶ As acelerações do crescimento são definidas consoante a metodologia explicada em Hausmann *et. al.* (2005) e implementada por Koopman e Wacker (2023). A metodologia identifica anos em que as transições no crescimento são mais rápidas, excluindo episódios de recuperação na sequência de crises profundas, através do requisito de que o nível do PIB *per capita* seja mais elevado no final do período identificado.

conflitos prolongados podem provocar cortes profundos nos cuidados de saúde, na educação e nas infraestruturas, perturbando o capital humano e a coesão social (*Perspetivas Económicas Regionais para o Médio Oriente e Ásia Central*, edição de abril de 2024, Capítulo 2).

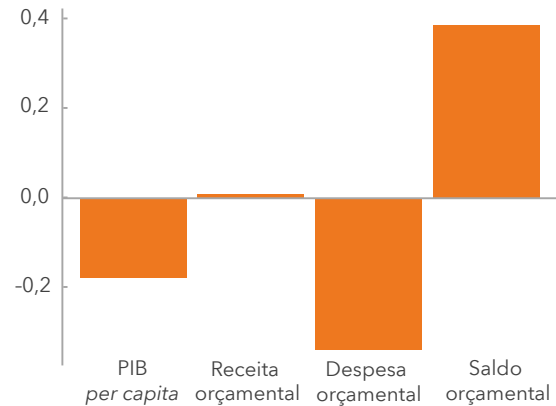
O que mantém os países presos em situações de fragilidade ou o que os ajuda a superá-las?

A fragilidade não se limita à fragilidade das instituições e aos conflitos: **em muitos casos, está enraizada em forças políticas e económicas mais profundas, que dificultam a recuperação económica.** O acesso limitado a financiamento, instituições mais fracas e baixo empreendedorismo nos Estados frágeis e afetados por conflitos resultam em contribuições significativamente mais baixas do setor privado para o PIB e em menos oportunidades de emprego, em comparação com os outros países da região (Ghossein e Rana 2023; [FMI 2024](#)). Em muitos Estados frágeis, as elites beneficiam do *statu quo*, bloqueando reformas passíveis de impulsionar uma prosperidade mais generalizada (Acemoglu e Robinson 2012). A fragmentação social, situação em que grupos étnicos ou religiosos competem pelo poder, redireciona os recursos para redes de compadrios, em vez de para o desenvolvimento partilhado (Banco Mundial 2011). Ao mesmo tempo, os ciclos de conflito e de insegurança esgotam ainda mais os recursos públicos e o capital humano, desviando fundos da educação, dos cuidados de saúde e do crescimento económico (Collier 2007). Os inquéritos de opinião realizados em Estados frágeis e afetados por conflitos na região sugerem que, frequentemente, as pessoas se identificam mais com o seu grupo étnico do que com o país, desconfiam das instituições, e consideram os mecanismos de resolução de conflitos ineficazes (Figura 3).

No entanto, certos Estados frágeis conseguiram superar esses desafios, focando-se na governação participativa, na reforma das instituições e na diversificação da economia. As análises de casos anteriores, efetuadas por aprendizagem automática, sugerem que **os países que combatem a corrupção, reforçam as instituições e promovem a participação política têm maior probabilidade de atenuar a fragilidade** (Cebotari *et. al.*, a publicar brevemente). Definir a sequência das reformas estruturais por forma a eliminar pontos de estrangulamento,

Figura 2. Diferenças de reação a um choque negativo nos termos de troca entre os EFC e os outros países

(variação cumulativa ao longo de um período de cinco anos, em pontos percentuais do PIB)



Fonte: Bisca *et. al.* (a publicar brevemente); e cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: os gráficos representam as diferenças de reação estimadas, de forma cumulativa ao longo de cinco anos, a um choque negativo nos termos de troca, comparando os EFC com o resto dos países da amostra. O choque é fixado em 1 ponto percentual do PIB e o efeito é estimado utilizando o método de projeções locais descrito em Jordà (2005). A amostra inclui todos os países da África Subsaariana elegíveis para o Fundo Fiduciário para a Redução da Pobreza e o Crescimento que se situem abaixo do valor limiar do rendimento médio-alto.

Figura 3. África Subsaariana: Inquéritos de opinião sobre as principais dimensões da economia política

(pontos percentuais; diferença na proporção de inquiridos entre os EFC e os outros países)



Fonte: Inquérito do Afrobarómetro, ronda 9, 2023; e cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: cada barra representa a diferença na proporção de pessoas que responderam a uma das duas categorias mais extremas entre os inquiridos de EFC e de outros países. A amostra inclui todos os países da África Subsaariana elegíveis para o Fundo Fiduciário para a Redução da Pobreza e o Crescimento que se situem abaixo do valor limiar do rendimento médio-alto. EFC = Estado frágil e afetado por conflitos.

melhorar o ambiente de negócios e aumentar a competitividade pode promover a diversificação da economia, reduzindo desta forma a dependência em relação às receitas voláteis dos recursos naturais e reforçando a resiliência do país face a choques externos. Por exemplo, o Ruanda transitou da agricultura para a tecnologia, o turismo e os serviços após 1994, e a Côte d'Ivoire alargou as suas atividades à indústria transformadora e aos serviços após 2011, embora reste ainda muito a fazer para abandonar a situação de dependência em relação às receitas voláteis dos recursos naturais. Igualmente fulcral é a realização de investimentos direcionados em capital humano e inclusão social, através da educação, dos cuidados de saúde e de redes de segurança social, a fim de reduzir as desigualdades e evitar que os ressentimentos políticos degenerem em instabilidade. Uma estratégia de reforma gradual, centrada inicialmente nos obstáculos mais restritivos, tende a produzir melhores resultados do que reformulações em grande escala. Após a sua guerra civil de 2002, a Serra Leoa procurou dar prioridade à reconstrução das infraestruturas e aos serviços públicos nos domínios da educação e da saúde, ao passo que a Libéria, ao emergir de um conflito em 2003, reforçou as principais instituições e reduziu a dependência em relação aos setores extrativos. Ambos os países aproveitaram momentos de viragem para redefinir expectativas, reconstruir a confiança e traçar uma nova rota. **Uma participação internacional sustentada, se for associada a melhorias na governação, pode proporcionar reservas financeiras e conhecimentos técnicos especializados que reforcem a estabilidade.**

Superar a fragilidade não passa por soluções rápidas. É um processo de longo prazo que exige persistência e capacidade de adaptação. **Embora não haja uma única política que garanta o êxito, os Estados que constroem instituições inclusivas, mantêm a estabilidade económica e aproveitam momentos fulcrais para empreender reformas têm uma probabilidade muito maior de conseguir avançar rumo ao crescimento sustentado e à resiliência.**

Prioridades de políticas para apoiar os EFC e papel do FMI

Nos últimos anos, os conflitos, as instituições fracas e a insegurança têm sido mais amplamente reconhecidos como obstáculos importantes à estabilidade macroeconómica e ao desenvolvimento. Em reação, o FMI lançou a *Estratégia para Estados Frágeis e Afetados por Conflitos* em 2022, apresentando uma abordagem mais adaptada à realidade de cada país para o seu trabalho com países que enfrentem situações de fragilidade e de conflito. Embora a adoção de políticas macroeconómicas sólidas continue a ser importante, sobretudo para que os países saiam das situações de fragilidade (*Perspetivas Económicas Regionais para a África Subsariana*, edição de outubro de 2014), **estas estratégias adaptadas abordam também desafios específicos e de longo prazo relacionados com a fragilidade e os conflitos, que vão desde capacidades limitadas e restrições orçamentais a problemas de governação persistentes.** Além disso, o FMI também alargou a sua presença em Estados frágeis e afetados por conflitos na África Subsariana: a despesa com desenvolvimento de capacidades mais do que duplicou entre 2022 e 2024, prevendo-se que quase triplique até 2026, ao passo que os desembolsos de financiamento para os EFC da região quintuplicaram entre 2017 e 2024 (ambos relativamente ao PIB). As recém-publicadas estratégias de colaboração com os Estados frágeis e afetados por conflitos facultam agora aconselhamento sobre políticas adaptadas a cada país e definem prioridades complementares de desenvolvimento de capacidades, a fim de ajudar estes países a quebrarem o ciclo de instabilidade e a iniciarem um percurso rumo a um crescimento inclusivo e sustentável. A seguir, são destacadas algumas das prioridades recorrentes em termos de políticas:

- **Reforço dos alicerces orçamentais e institucionais.** **Para repor a estabilidade macroeconómica nos Estados frágeis e afetados por conflitos, é necessário reforçar as instituições orçamentais e melhorar a gestão das finanças públicas.** Na prática, isso significa reforçar a cobrança de receitas internas, através de uma tributação justa e da melhoria do cumprimento das regras, e investir esses fundos em serviços públicos essenciais, como a saúde, a educação e as infraestruturas, o que, por sua vez, pode promover a coesão social e a prevenção de conflitos. Instituições orçamentais mais fortes podem ajudar a reduzir a dependência de financiamento externo concedido para fins específicos, gerando assim margem para despesas sociais direcionadas que promovam a equidade, especialmente em regiões afetadas por conflitos e deslocações de pessoas.

- **Melhoria da governação e reformas em prol da transparência.** O trabalho do FMI nos Estados frágeis e afetados por conflitos salienta que a instabilidade persistente advém muitas vezes de um Estado de direito fraco, de insuficiente prestação de contas, de uma gestão opaca dos recursos e da vulnerabilidade à corrupção. **Ao reforçarem a governação e ao assegurarem uma gestão responsável das receitas, especialmente as provenientes dos recursos naturais, os países podem restaurar a confiança do público.** Medidas de combate à corrupção (Pompe e Turkewitz, 2022), orientações claras para a adjudicação de contratos públicos e quadros jurídicos reforçados são essenciais para limitar a má gestão e reafectar fundos às necessidades sociais.
- **Promoção de estruturas públicas que gerem oportunidades de cooperação.** Isto passa por combater uma centralização política e económica excessiva, a fim de promover a coesão social. Formas excessivas de centralização política e orçamental limitam a participação dos cidadãos no processo decisório e levam a uma distribuição desigual dos recursos entre regiões e grupos. **Em alternativa, ao criar oportunidades para uma participação pública mais ampla e ao assegurar uma distribuição mais justa dos recursos, os governos podem reforçar a coesão social e a resiliência.**
- **Formação de parceiras de longo prazo.** Numa era marcada pela fragmentação geopolítica, negligenciar os Estados frágeis e afetados por conflitos acarreta riscos que se estendem bem para lá das suas fronteiras, tendo potenciais repercussões na segurança, na deslocação de pessoas e na estabilidade económica. Elaboradas pelo FMI, as estratégias de colaboração com os Estados frágeis e afetados por conflitos salientam a importância de uma ação coordenada com agentes humanitários, da paz e do desenvolvimento, com vista a amplificar o impacto e reforçar a resiliência. **Os parceiros internacionais, incluindo os doadores, podem ajudar a estabilizar os Estados frágeis através do apoio ao desenvolvimento de capacidades, do financiamento de programas sociais e da mitigação do impacto dos choques económicos,** assegurando desta forma que a fragilidade não se transforme numa crise mundial.

Referências

- Acemoglu, Daron, and James A. Robinson. 2012. *Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity, and Poverty*. New York: Crown Currency.
- Bisca, Paul, Alexei Miksjuk, Thomas Augsten, Jocelyn Boussard, John-Paul Fanning, Romina Kazandjian, Tokhir Mirzoev, Gaelle Pierre, Bjoern Rother, Yipei Zhang, Lavinia Zhao. Forthcoming. "Macroeconomic Challenges and Policy Design Under Fragility." IMF Departmental Paper, International Monetary Fund, Washington, DC.
- Boussard, Jocelyn, Chiara Castrovillari, Tomohide Mineyama, Marta Spinella, Bilal Tabti, and Maxwell Tuuli. 2024. "[Global Shocks Unfolding: Lessons from Fragile and Conflict-affected States](#)." IMF Working Paper WP/24/214, International Monetary Fund, Washington, DC.
- Cebotari, Aliona, Jesus E. Chueca-Montuenga, Yoro Diallo, Yunsheng Ma, Rima A. Turk, Weining Xin, and Harold Zavarce. Forthcoming. "State Fragility: Toward a Conceptual Framework." IMF Working Paper, International Monetary Fund, Washington, DC.
- Collier, Paul. 2007. *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries Are Failing and What Can Be Done About It*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Ghossein, Tania, and Ahmed Nuraiz Rana. 2023. "[Business Environment Reforms in Fragile and Conflict-Affected Situations: What Works and Why?](#)" Private Sector Development (blog), World Bank, March 14.
- Hausmann, Ricardo, Lant Pritchett, and Dani Rodrik. 2005. "[Growth Accelerations](#)." *Journal of Economic Growth* 10 (4): 303-29.
- International Monetary Fund (IMF). 2022. *Regional Economic Outlook : Sub-Saharan Africa*—Notes: "[Digital Currency Innovations in Sub-Saharan Africa](#)." Washington, DC, October.
- International Monetary Fund (IMF). 2024. *Regional Economic Outlook : Sub-Saharan Africa*—Notes : "[The Clock is Ticking: Meeting Sub-Saharan Africa's Urgent Job Creation Challenge](#)." Washington, DC, October.
- Jordà, Òscar. 2005. "[Estimation and Inference of Impulse Responses by Local Projections](#)." *American Economic Review* 95(1): 161-82. doi: 10.1257/0002828053828518
- Koopman, Eline, and Konstantin M. Wacker. 2023. "[Drivers of Growth Accelerations: What Role for Capital Accumulation?](#)" *World Development* 169 (September): 106297. doi: 10.1016/j.worlddev.2023.106297
- Novta, Natalija, and Evgenia Pugacheva. 2021. "[The Macroeconomic Costs of Conflict](#)." *Journal of Macroeconomics* 68 (June): 103286. doi: 10.1016/j.jmacro.2021.103286
- Pompe, Sebastiaan, and Joel Turkewitz. 2022. "[Addressing Corruption in Fragile Country Settings](#)." Chapter 7 in "Good Governance in Sub-Saharan Africa, Opportunities and Lessons." International Monetary Fund.
- World Bank. 2011. [World Development Report 2011: Conflict, Security, and Development](#). Washington, DC: World Bank.
- World Bank. 2024a. "[Classification of Fragility and Conflict Situations \(FCS\) for World Bank Group Engagement](#)." Washington, DC: World Bank.
- World Bank. 2024b. "[Expanding Development Approaches to Refugees and Their Hosts in Ethiopia](#)." Washington, DC: World Bank.
- United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) and World Bank. 2021. "Social Cohesion and Forced Displacement."